

---

**Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez**

*Terapia ocupacional y educación: elaboración de una cartilla de orientación escolar para un niño con trastorno del espectro autista y sordera*

Geórgia Fabiane da Costa Silva  
Isadora Verena Pereira Gonçalves  
Matheus da Costa Braga  
Ana Paula Santos Sarmanho  
**Universidade Federal do Pará (UFPA)**  
Belém - PA – Brasil

**Resumo**

A inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista é um processo complexo para a comunidade escolar. Este estudo objetivou relatar a experiência de um Estágio Supervisionado de Terapia Ocupacional na confecção de uma cartilha de orientação aos profissionais escolares de um aluno com TEA e surdez. A produção e orientação buscam fomentar a inclusão escolar do aluno e contribuir para a formação dos discentes no contexto educacional.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional; Inclusão Educacional; Transtorno do Espectro Autista.

**Abstract**

The school inclusion of students with autism spectrum disorder is a complex process for the school Community. This study aimed to report the experience of a Supervised Occupational Therapy Internship in creating a guidance booklet for school professionals for a student with ASD and deafness. The production and guidance seek to encourage student inclusion in school and contribute to the training of students in the educational context.

**Key-words:** Occupational Therapy; Inclusive Education; Autism Spectrum Disorder.

## *Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

### **Introdução**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é amplamente discutido e reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde do Brasil. Segundo Maenner *et al.* (2023) do governo dos Estados Unidos da América, o TEA é uma condição complexa e variável que afeta o desenvolvimento da comunicação, da interação social e do comportamento em indivíduos, tendo sua prevalência estimada de pessoas com TEA de 1 em cada 36 pessoas em todo o mundo.

No Brasil algumas políticas de saúde, assistência social e educação tem sido estabelecidas, alinhadas ao esforço global de promover a assistência, o cuidado e o desenvolvimento nos diversos aspectos, bem como a conscientização sobre o TEA e a pesquisa contínua para entender melhor essa condição e melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e suas famílias.

No que concerne à educação, a Associação Americana de Terapia Ocupacional - AOTA (2015), caracteriza-a como uma das ocupações realizadas pelos indivíduos e, diante disso, os terapeutas ocupacionais são reconhecidos para trabalhar nos contextos educacionais, dentre estes, o contexto escolar. Os terapeutas ocupacionais buscam a aproximação dos contextos que cercam o cotidiano infantil e os ambientes em que são executadas, como a escola (Pontes, 2016).

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional COFFITO (2018) explicita que o terapeuta ocupacional é o profissional competente para avaliar e intervir no desempenho ocupacional do estudante no contexto escolar, nas áreas abordadas da educação, brincar, lazer, participação social, Atividade de Vida Diária – AVD, Atividade Instrumental de Vida Diária – AIVD, descanso e sono, preparação para o trabalho e vida com autonomia e independência.

Como observado, a educação é uma das áreas de atuação e a Resolução N° 500 (COFFITO, 2018) define o exercício do Terapeuta Ocupacional Especialista no Contexto Escolar na gestão de processo para implantação e implementação das políticas que garantam a inclusão dos estudantes nos espaços de aprendizagem e formação da

comunidade educativa. Essa resolução se alinha aos princípios da educação inclusiva, que se apresenta como um paradigma na educação, a qual almeja assegurar a equidade nas condições de acesso e permanência no ambiente escolar, ofertando suporte para que o aluno participe das diversas atividades do cotidiano escolar, com acessibilidade atitudinal e arquitetônica, em escolas de ensino regular.

Outrossim, a educação inclusiva pressupõe uma reorganização no sistema educacional para que todos tenham o direito à educação assegurado, capaz de reconhecer a diversidade populacional, a fim de fomentar o pleno desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar (Brasil, 2004; Carneiro, 2012; Maia; Freire, 2020).

Com essa perspectiva foi elaborada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEEPEI (Brasil, 2008), visando nortear a reorganização estrutural no sistema educativo e na constituição de políticas capazes de assegurar a educação a todos. Esta Política possui objetivos específicos, como garantir o acesso ao ensino regular, a transversalidade da modalidade de educação inclusiva desde a educação infantil até a educação superior, a formação de professores e profissionais da área voltadas às especificidades da educação inclusiva, fomentando habilidades e competências necessárias para sua prática, entre outros.

Contudo, torna-se importante ressaltar que a perspectiva da educação inclusiva visa a equidade, não apenas a igualdade, pois cada indivíduo possui subjetividades, necessidades diferentes, mesmo quando pertence a determinado grupo social.

Em documento oficial, a UNESCO (2019) salienta que é necessário que as diferenças individuais não devem ser vistas como empecilhos, mas como oportunidades para democratizar a aprendizagem. Logo, evidencia-se que a educação inclusiva não tem a pretensão de fomentar a educação de pessoas com necessidades educacionais especiais em escolas especializadas, mas aprimorar o sistema educacional regular para que todas as escolas possam ofertar ensino de qualidade a todos os indivíduos presentes nela, sejam elas pessoas com deficiência ou não, de diferentes gêneros, religiões, condições socioeconômicas, entre outros.

## *Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

Diante disso, esse estudo se configura como um relato de experiência, e tem como objetivo relatar a experiência da construção de uma cartilha de organização e adaptação escolar para uma criança com TEA e surdez na educação básica.

### **Metodologia**

O presente estudo se caracteriza como um relato de experiência, sendo uma possibilidade de escrita metodológica para fomentar a produção de textos científicos, a fim de relatar fenômenos da natureza, sejam eles oriundos da pesquisa científica, da prática profissional, do ensino e extensão, entre outros (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A experiência ocorreu em um Centro de Inclusão Educacional do município de Belém-PA, durante a realização da disciplina de estágio supervisionado por discentes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará.

Durante a prática foi identificado como demanda favorecer a inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e surdez atendido no centro, o qual enfrenta dificuldades no processo educacional, após o período da pandemia de COVID-19, com dificuldade em permanecer no ambiente escolar, recusa de entrar na sala de aula, não realiza atividades e não participa da rotina com a turma, dificuldade de comunicação e interação social por não conseguir estabelecer uma comunicação assertiva com o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e apresentar comportamentos considerados inadequados pela escola.

Portanto, em parceria com dois programas do centro, sendo o Programa de Atendimento ao Aluno com Transtorno do Espectro Autista (PROATEA) e o Programa de Educação Bilíngue para Surdos (PROEBI), produziu-se uma cartilha de orientação para professores da sala de ensino regular e profissional de apoio, a qual objetiva ofertar suporte para a organização da rotina, a realização de atividades e uma proposta de adaptação escolar gradual, respeitando o processo do aluno e estruturando o manejo dos profissionais escolares para o trabalho educativo.

Concomitantemente, foi produzida uma rotina visual e pistas visuais, sendo caracterizadas como recursos de comunicação alternativa e ampliada (CAA), que se configura como uma Tecnologia Assistiva, de modo conjunto a cartilha, para ser utilizada

pelos professores e profissionais de apoio do aluno com TEA e surdez no contexto escolar.

### **Resultados e discussão**

Após levantamento de demandas do Centro de Inclusão, identificou-se a necessidade da elaboração do material de apoio aos professores e profissional de apoio e, com isso, foi produzida a cartilha de orientação, objeto deste trabalho. Desse modo, o material elaborado contém informações sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), deficiência auditiva e surdez, inclusão escolar, modificação de materiais e mobiliários para organização da sala de aula, rotina e pistas visuais para favorecer a organização da rotina escolar e acessibilidade comunicacional, orientações para manejo de comportamentos e uma proposta de adaptação escolar.

As cartilhas educativas desempenham um papel importante na divulgação de informação e na promoção da educação em diversos contextos. Seu principal objetivo é fornecer uma forma acessível e eficaz de transmitir conhecimentos específicos ao público-alvo. Segundo Silva, Oliveira e Santos (2019), as cartilhas educativas têm sido amplamente utilizadas em programas de saúde pública, abordando temas como prevenção, orientação e promoção.

Souza e Santos (2020) destacam que essas cartilhas também são ferramentas valiosas na educação formal, auxiliando professores e alunos no processo de aprendizagem, facilitando a compreensão de conceitos complexos por meio de ilustrações, texto claro e linguagem acessível. A estrutura das cartilhas varia dependendo da finalidade e do público-alvo, mas geralmente inclui capa informativa, índice, introdução, corpo do conteúdo, ilustrações explicativas e muitas vezes um apêndice com recursos adicionais, como um glossário.

Nessa perspectiva, é possível identificar na literatura as cartilhas como estratégias de ofertar suporte para favorecer a inclusão escolar. Ferreira (2017), em seu trabalho “Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: o desafio da formação de professoras”, construiu uma cartilha de título “Tempo de Esclarecer e Agir: Conceitos básicos acerca do Transtorno do Espectro Autista e

*Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

orientações aos docentes” para formação continuada de professores sobre a inclusão do aluno com TEA, com o objetivo de promover uma introdução aos estudos acerca da inclusão de crianças TEA na educação infantil e abordando o desafio da formação das professoras.

Lopes (2022) em seu trabalho “Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: dificuldades e possibilidades a práticas educativas inclusivas”, criou uma cartilha como produto da sua dissertação, intitulada “Transtorno Do Espectro Autista (TEA): Material de apoio a práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil”, a qual objetivou identificar as dificuldades dos professores da Educação Infantil, referente às práticas educativas inclusivas ao trabalhar com a inclusão de alunos com TEA, por meio de um produto educacional, contribuindo com novas práticas inclusivas para apoiar profissionais para a inclusão.

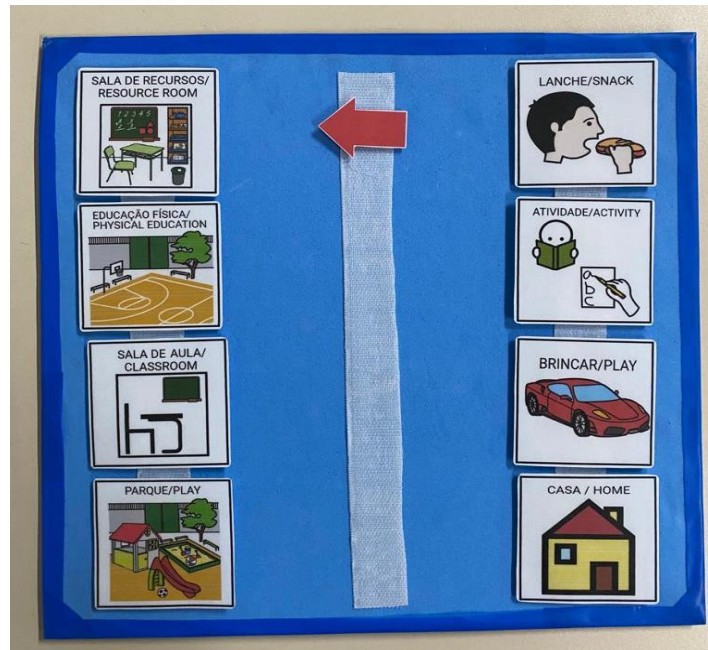
O TEA pode acarretar dificuldades na linguagem do indivíduo, afetando diretamente sua comunicação e interação social. Segundo Schlosser e Wendt (2008), a maioria das pessoas com TEA apresentam atrasos ou desvios no desenvolvimento da linguagem, sendo possível afirmar que há também aqueles que não utilizam ou compreendem a fala, sendo necessária a utilização de modos alternativos que viabilizem sua comunicação.

A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) é uma estratégia, que se caracteriza como Tecnologia Assistiva, que envolve o uso de sistemas e recursos alternativos que oferecem aos indivíduos a possibilidade de se comunicar, por meio de pictogramas, símbolos, sistemas assistidos de voz e códigos. Contudo, o objetivo da CAA é suplementar ou substituir, de forma temporária ou permanente, a comunicação de pessoas que não utilizam a fala como dispositivo comunicacional de modo satisfatório ou funcional (Iacono; Trembath; Erickson, 2016).

Portanto, foi elaborado um dispositivo de CAA, a rotina visual, fabricada com material de baixo custo (papelão, material de Etileno Acetato de Vinila (EVA), fitas adesivas, cola quente, velcro e papéis plastificados), para dar suporte a um aluno com TEA e surdo - que não utiliza LIBRAS - e favorecer sua comunicação na escola com os

professores e profissionais de apoio. Dessa forma, os pictogramas selecionados foram extraídos da plataforma ARASAAC, a qual oferta recursos gráficos e materiais adaptados padronizados para facilitar acessibilidade e comunicação (ARASAAC, 2023), conforme figura a seguir.

Figura 1: Rotina visual para o aluno com TEA e surdez.



Fonte: elaborada pelos autores (2023).

Sendo assim, o dispositivo foi idealizado especificamente para uma única criança, pois os pictogramas selecionados foram pensados com base nos ambientes presentes em sua escola, suas preferências e outros recursos presentes na escola em que estuda. Além disso, todos os pictogramas possuem legenda em português e em inglês, pois o aluno consegue compreender a língua inglesa e tem preferência por este idioma e, assim, é possível estimular a sua leitura da língua nativa e da estrangeira.

A rotina é vista como um dos elementos integrantes das práticas pedagógicas e didáticas que são previamente planejadas, objetivando ordenar e operacionalizar o cotidiano da instituição, promovendo seu desenvolvimento social e ajudando no domínio da linguagem do aluno (Barbosa, 2006; Ferreira, 2017).

Na cartilha também foi abordado sobre as pistas visuais, confeccionadas para a comunicação com o aluno, pensando em comunicações diárias e direcionamento para as

*Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

atividades adaptadas com a professora e o profissional de apoio. O objetivo é proporcionar acessibilidade comunicacional, enquanto a LIBRAS não é a língua predominante para a comunicação do aluno com as pessoas do contexto escolar, conforme mostra a figura abaixo. Há estudos na literatura que apontam as contribuições do uso da CAA com indivíduos com TEA, como o de Nunes e Nunes Sobrinho (2010) e Montenegro *et al.* (2021).

Figura 2: Pista visual para acessibilidade comunicacional do aluno com TEA e surdez no contexto escolar.



Fonte: elaborada pelos autores (2023).

Na figura, observa-se algumas pistas confeccionadas, seguindo a mesma orientação da confecção da rotina visual, com a língua inglesa e portuguesa, imagens simples e que direcionam para o entendimento dos comandos, realizados na plataforma ARASAAC. Para Uema, Toda e Isotani (2020), dentro dessa nuance, a pessoa com TEA exprime melhor a percepção visual do que a auditiva durante as estimulações, responde a ela positivamente quando estimulada em ambientes organizados, ou seja, o funcionamento comportamental adaptativo é consideravelmente melhor em condições estruturadas.

Outro conteúdo importante da cartilha é sobre o manejo de comportamentos, na qual buscou-se oferecer orientações simples e assertivas sobre como manejar o



comportamento, entendendo como se organiza o comportamento, diante de antecedentes e suas consequências, ilustrando exemplos de comportamentos que o aluno já realiza no ambiente escolar e como proceder de modo a evitar a repetição de comportamentos disruptivos/inadequados ou como direcionar para que o aluno realize outros comportamentos.

Guimarães *et al.* (2018) destaca, por exemplo, como pessoas com TEA podem vivenciar exclusão em ambiente escolar, sociais e comunitários devido tais comportamentos. Dessa forma, considerou-se importante elaborar material orientador aos professores e profissionais de apoio sobre como manejar comportamentos inadequados/disruptivos do aluno no contexto escolar (exemplo na figura a seguir).

Figura 3: Orientações de manejo de comportamento.

**ORIENTAÇÕES DE MANEJO DE COMPORTAMENTO**

**OBSERVAÇÕES IMPORTANTES!** ⓘ

- CUIDADO COM A LINGUAGEM CORPORAL E EXPRESSÕES FACIAIS!

■ é uma criança que não verbaliza verbalmente, mas compreende as expressões faciais. Após emitir algum comportamento que não queremos que ele realize, devemos tomar cuidado redobrado com a forma que reagimos. Muitas vezes, o **reforçador** pode ser uma expressão de susto ou de reprovação de determinado comportamento, pois alguns deles são feitos apenas para obter **atenção**.

Ex: ■ formou palavras de baixo calão em inglês com as letras móveis, ao perceber quais palavras são, direcionar para montar palavras de objetos que ele tem interesse ou propor outra atividade, sem reagir chamando sua atenção ou expressando surpresa, pois ele espera causar algum impacto na pessoa. Não reagindo dessa forma, mostrará que isso não impacta, podendo reduzir o comportamento.

O infográfico contém três ícones de rostos com as letras 'L' e 'O' no lugar dos olhos. Um rosto mostra uma expressão de susto (boca aberta em um 'O'), outro mostra uma expressão de reprovação (boca curvada para baixo), e o terceiro mostra uma expressão neutra.

Fonte: elaborada pelos autores (2023).

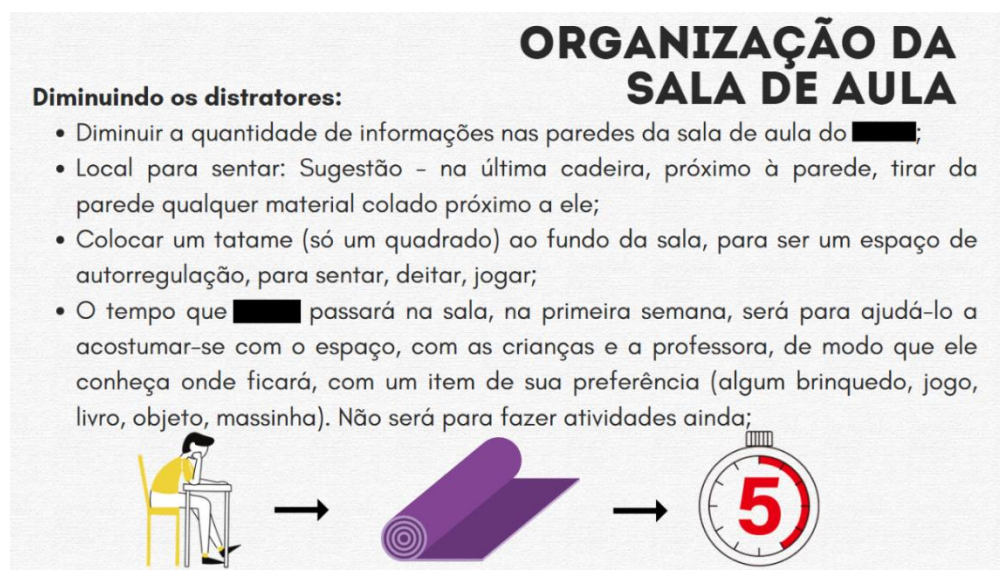
Na figura, destacam-se orientações quanto à linguagem corporal e expressões faciais, para que o aluno diminua a frequência de comportamentos inadequados, ligados à demanda por atenção que obtém ao visualizar a expressão de espanto ou reprovação. Há estudos que evidenciam que o manejo de comportamento pode auxiliar no desenvolvimento social, cognitivo e na aquisição de linguagem e habilidades socioemocionais (Virués-Ortega, 2010).

Além da organização da rotina, a acessibilidade comunicacional e o manejo dos comportamentos, visualizou-se a necessidade de orientação sobre as modificações nos

*Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

ambientes da sala de aula regular e da sala de recursos multifuncionais, para diminuir os distratores dos espaços e favorecer a entrada nas salas e ambiência, até que o aluno consiga participar das atividades em sala com todos os alunos da turma, como ilustra a figura a seguir.

Figura 4: Organização da sala de aula.

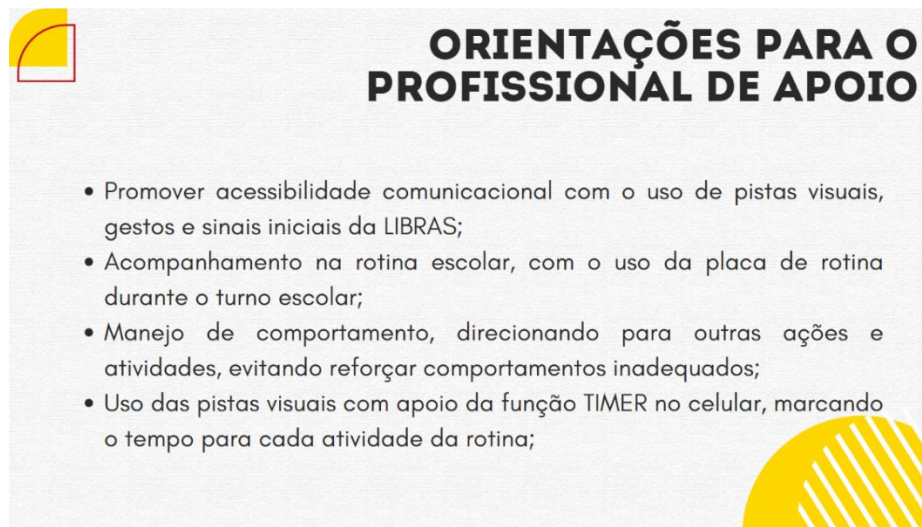


Fonte: elaborada pelos autores (2023).

Na figura acima, observam-se as orientações para redução dos distratores na sala de aula do aluno e a inserção de outros materiais que possam favorecer a adaptação nesse espaço e a ambiência do aluno. Segundo Oliveira (2006), o mobiliário escolar, na maioria das vezes, não atende as necessidades dos estudantes, favorecendo ao aparecimento de estresse, cansaço, dores musculares e, sobretudo, trazendo prejuízos à aprendizagem. Tendo em vista diminuir os distratores, elaborou-se sugestões para nova organização ambiental.

Além dessa estruturação do ambiente, da rotina e do comportamento, buscou-se realizar orientações para o acompanhamento do profissional de apoio ou estagiário que acompanha o aluno no espaço escolar, como mostra na figura a seguir.

Figura 5: orientações para o profissional de apoio.



Fonte: elaborada pelos autores (2023).

O profissional de apoio do aluno é um estagiário da Secretaria Municipal de Educação, que ainda está realizando a licenciatura em alguma universidade. A figura acima é uma parte das orientações direcionadas para que o trabalho educativo seja melhor direcionado ao aluno com TEA e surdez.

Como última proposta da cartilha, realizou-se uma proposta de adaptação escolar para o aluno com TEA e surdez, de modo a organizar a rotina escolar, com a diminuição do tempo e a frequência dos dias nos primeiros meses e a sua adequação com o passar do tempo, como mostra a figura a seguir.

Figura 6: Proposta de adaptação escolar.



Fonte: elaborada pelos autores (2023).

*Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

Conforme observado na figura acima, no primeiro mês, o aluno iria apenas 3 vezes para a escola, por apenas 1h e realizaria a rotina disposta nos pictogramas, que se relacionam com a rotina visual confeccionada para ele.

A proposta foi criada com o objetivo de ilustrar uma possibilidade de adaptação gradual e respeitosa para que o aluno se ambiente e construa a relação de pertencimento à escola de forma mais tranquila, pois o ambiente escolar sem estruturação é um componente estressor e que gera sobrecarga sensorial, experiências indesejáveis e estresse.

Pode haver alterações nos esquemas da proposta criada, mas é necessário que seja organizado, mostrando ao aluno o que fará em cada momento, por quanto tempo, e fazendo as transições de ambiente de forma calma, mostrando que o tempo acabou e o que será realizado em seguida. A previsibilidade e organização do tempo ajuda na estruturação de rotinas mais confortáveis para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

A rotina visual tem como função organizar atividades, rotinas, roteiros ou cronogramas de atividades, intitulado Modo Visual de Organização (MVO), utilizado como uma dica visual que favorece a linguagem receptiva, o que possibilita a compreensão e antecipação de acontecimentos em uma determinada rotina, facilitando a transição entre as atividades realizadas pelo indivíduo e para diminuição dos comportamentos inadequados (Nunes; Barbosa; Nunes, 2021).

Diante do exposto, realizou-se um quadro que relaciona a ação realizada pela terapia ocupacional no contexto educacional com a Resolução N° 500 do COFFITO (2018), que organiza a especialidade do Terapeuta Ocupacional no contexto escolar.

Quadro 1: A resolução n° 500 do COFFITO (2018) e as ações realizadas.

<b>Ações da equipe de terapia ocupacional no contexto</b>	<b>Resolução N° 500 (COFFITO, 2018)</b>
Criação de uma cartilha para auxiliar na organização escolar do aluno com TEA e surdez.	II – Colaborar nos processos de acesso, permanência e conclusão dos estudantes em todas as modalidades, etapas e níveis de ensino.

Orientações para modificações no ambiente, organização da rotina, manejo de comportamento, visando o desempenho ocupacional e participação na rotina escolar.	III – Mediar os processos de implantação e implementação das adaptações razoáveis e/ou ajustes com o estudante, no ambiente e/ou na tarefa/ocupação visando o desempenho ocupacional do estudante no contexto escolar.
Identificação e realização de adaptações para garantir acessibilidade comunicacional através das pistas visuais, vídeo educacional e rotina escolar.	V- Avaliar, identificar, analisar e intervir nas demandas gerais de acessibilidade na escola que atenda toda a comunidade educativa.
Produção de material audiovisual para capacitar e orientar os profissionais de apoio sobre uso de rotina visual, propostas de adaptações na escola e princípios de manejo de comportamento para auxiliar na inclusão do aluno na escola.	VIII- Selecionar, capacitar e orientar os profissionais de apoio escolar.
Confecção da rotina e pistas visuais (Tecnologia Assistiva) com materiais de baixo custo; elaboração de cartilha de orientação contendo propostas de adaptações que visam facilitar a inclusão escolar de aluno com TEA e surdez.	IX-Compôr a equipe do serviço do atendimento educacional especializado (AEE), salas multifuncionais, para a implantação e implementação dos recursos de tecnologia assistiva, comunicação alternativa necessários, além das adaptações razoáveis necessárias e justas no processo de inclusão.
Reuniões com a equipe do centro para ajustes dos processos e organização da rotina.	XI-Participar das reuniões para discussões dos casos, ajustes de processos e rotina.
Interlocução entre os colaboradores do centro de inclusão e escola.	XII-Garantir a interlocução com os colaboradores da escola, famílias, estudantes e especialistas externos.
Orientação para a professora e profissionais de apoio ao aluno com TEA e surdez.	XIII-Participar dos processos de formação continuada de toda comunidade educativa.

Fonte: elaborada pelos autores (2023).

## *Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

Dessa forma, observa-se no quadro acima que as ações realizadas pelo Estágio Supervisionado de Terapia Ocupacional estavam em interlocução com a equipe de inclusão do Centro, a equipe escolar do aluno com TEA, com base nas possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional no contexto escolar, segundo a Resolução N° 500. É imprescindível que ocorra essa relação em prol dos processos inclusivos do aluno com TEA e surdez, colaborando para a implementação das políticas públicas inclusivas e proporcionando participação e engajamento do aluno no contexto escolar.

### **Conclusão**

Conclui-se que a produção da cartilha de orientação foi uma estratégia possível de ser realizada pelo estágio supervisionado, no centro de inclusão, para fomentar a inclusão do aluno em uma escola municipal. O material foi encaminhado para direção do centro, tornando possível articular um encontro para orientação com a professora e o profissional de apoio do aluno.

Destaca-se, no entanto, que o material poderá ser utilizado por todos os profissionais da escola do aluno, objetivando a disseminação da informação para garantir a sua inclusão. Dessa forma, é fundamental ressaltar que as informações encaminhadas foram selecionadas e organizadas a partir da literatura científica, estando com consonância com estudos mais recentes sobre os assuntos abordados.

Contudo, a experiência foi essencial para favorecer a formação dos discentes, contribuindo para seu arcabouço teórico, prático e profissional acerca das habilidades e competências do terapeuta ocupacional no contexto escolar.

### **Referências**

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 1-49, 2015.

ARASAAC. Departamento da Cultura, Desportos e Educação do Governo de Aragão (Espanha). *O que é o ARASAAC?*. 2023. Disponível em <https://arasaac.org/about-us>. Acesso em 02 de Outubro de 2023.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A rotina nas pedagogias da educação infantil: dos binarismos à complexidade. **Currículo sem fronteiras**, v.6, nº1., pp.56-69, Jan/Jun, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação inclusiva: a escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. Brasília: MEC. 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf> Acesso em 02 de outubro de 2023.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone. Educação inclusiva na educação infantil. **Práxis Educacional**, p. 81-95, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL COFFITO. Resolução Nº 500, de 26 de dezembro de 2018. Reconhece e disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, define as áreas de atuação e as competências do terapeuta ocupacional especialista em Contexto Escolar e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. 2018. Disponível em <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>. Acesso em 02 de outubro de 2023.

SOUZA, R. S de; SANTOS, J. A. A importância das cartilhas educativas no ensino fundamental: uma análise de sua eficácia como ferramenta didática. **Revista Educação em Foco**, 13(2), 104-121, 2020.

UEMA, Joseane Terto Souza; TODA, Armando Maciel; ISOTANI, Seiji. **A aprendizagem da rotina escolar de estudantes com autismo com a possibilidade de utilização de um jogo sério por professores e fonoaudiólogos**. Universidade de São Paulo. 2020.

FERREIRA, R. F. A. **Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: o desafio da formação de professoras**. 2017. 161f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2017.

GUIMARÃES, Mariane Sarmiento da Silva et al. Treino de cuidadores para manejo de comportamentos inadequados de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 3, p. 40-53, 2018.

*Terapia ocupacional e educação: confecção de cartilha de orientação escolar para uma criança com transtorno do espectro autista e surdez*

IACONO, T.; TREMBATH, D.; & ERICKSON, S. *The role of augmentative and alternative communication for children with autism: Current status and future trends. Neuropsychiatric Disease and Treatment*, v. 12, p. 2349-2361, 2016.

LOPES, Vanessa de Araújo et al. **Crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil: dificuldades e possibilidades a práticas educativas inclusivas.** 2022. 145. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica, Instituto Federal Goiano, Urutaí, 2022.

MAENNER, M. J. et al. Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos - Rede de monitoramento de autismo e deficiências de desenvolvimento, 11 locais, Estados Unidos, 2020. **Morbidity and Mortality Weekly Report Surveillance Summaries**, v. 72, N. SS-2, p. 1-14, 2023.

MAIA, Vítor Ochoa; FREIRE, Sofia. A diferenciação pedagógica no contexto da educação inclusiva. **Revista Exitus**, v. 10, 2020.

MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque et al. Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. **Audiology-Communication Research**, v. 26, 2021.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NUNES, Débora Regina de Paula; BARBOSA, João Paulo da Silva; NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação alternativa para alunos com autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. e0212, 2021.

NUNES, Débora Regina de Paula; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula. Comunicação alternativa e ampliada para educandos com autismo: considerações metodológicas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 16, n. 02, p. 297-312, 2010.

OLIVEIRA, Juliana Mendes de. **Análise ergonômica do mobiliário escolar visando a definição de critérios.** Dissertação (Mestrado em Manejo Florestal; Meio Ambiente e Conservação da Natureza; Silvicultura; Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006. 90 f.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Manual para garantir inclusão e equidade na educação.** – Brasília: UNESCO, 2019.



PONTES, L. R. **Terapia ocupacional na escola: práticas atuais.** 2016. 29. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SCHLOSSER, R.; & WENDT, O. *Effects of augmentative and alternative communication intervention on speech production in children with autism: a systematic review.* **American Journal of Speech Language Pathology**, v. 1, n. 3, p. 212-230, 2008.

SILVA, A. B.; OLIVEIRA, L. M.; SANTOS, M. C. O uso de cartilhas educativas na promoção da saúde: uma revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, p. 44, 2019.

VIRUÉS-ORTEGA, J. *Applied behavior analytic intervention for autism in early childhood: meta-analysis, meta regression and dose-response meta-analysis of multiple outcomes.* **Clinical Psychology Review**, v. 30, n. 4, p. 387-399, 2010.

### **Sobre os autores**

#### **Geórgia Fabiane da Costa Silva**

Granduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Pará, campus Belém, Instituto de Ciências da Saúde, Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. E-mail: [georgiafabi18@gmail.com](mailto:georgiafabi18@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0116-0415>

#### **Isadora Verena Pereira Gonçalves**

Granduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Pará, campus Belém, Instituto de Ciências da Saúde, Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. E-mail: [isadoravcin@gmail.com](mailto:isadoravcin@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9674-1484>

#### **Matheus da Costa Braga**

Granduando em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Pará, campus Belém, Instituto de Ciências da Saúde, Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. E-mail: [matheus.braga@ics.ufpa.br](mailto:matheus.braga@ics.ufpa.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5862-3962>

#### **Ana Paula Santos Sarmanho**

Docente de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará, Terapeuta Ocupacional pela Universidade do Estado do Pará, Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará, Especialista em Transtorno do Espectro Autista pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: [toanasarmanho@gmail.com](mailto:toanasarmanho@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1911-887X>

Recebido em: 12/10/2023

Aceito para publicação em: 21/03/2024